



**NAPOLEÃO**  
— UMA VIDA  
POLÍTICA

Steven  
Englund

Edições 70, 2009,  
trad. de Pedro  
Elói Duarte,  
645 págs., €33

**BIOGRAFIA** Um professor americano em Paris narra a vida do imperador que acabou a sua vida numa ilha longínqua.



“TENHO pouca idade, mas aqui estou eu, a escrever história. Conheço a minha fraqueza: uma consciência demasiado sincera do exausto coração humano, embora para o tipo de escrita que faço agora, talvez seja o melhor estado de espírito. Conservo ainda o entusiasmo que tantas vezes se evapora sob um profundo conhecimento dos homens. A venalidade relacionada com a idade não manchará esta pena.” Quando escreveu estas palavras, Napoleão Bonaparte era um jovem e brilhante oficial. Oriundo de uma família seminobre da Córsega, foi político desde o início. O seu pai, que estivera envolvido na rebelião paolista, transmitiu aos filhos uma paixão nacional que mais tarde variaria de objecto. A Revolução Francesa criou oportunidades enormes para ambiciosos de mérito. Muitas vezes se discutiu em que medida Napoleão solidificou os ideais da revolução ou os dissolveu em ditadura. Ludwig van Beethoven, um quase exacto contemporâneo, rasgou a página inicial da sua sinfonia “Eroica” quando soube que o dedicatário

da mesma se havia coroado imperador. Mas o próprio Napoleão pareceu oscilar entre o espírito republicano e a vontade de se tornar o Júlio César moderno. Claro que as comparações valem o que valem. Steven Englund tem o cuidado de examinar algumas — por exemplo, com um *petit caporal* austríaco e de bigode — sugerindo que não valem grande coisa. Mas também ele cai por vezes na simplificação, como quando afirma que “Bonaparte tinha a capacidade de César para, sem hesitar, tomar decisões moral ou espiritualmente perigosas”, entre elas a decisão de mandar executar trezentos prisioneiros turcos que se haviam rendido aos franceses durante a campanha do Egipto, em 1799. Na verdade, sabe-se que Napoleão agonizou com a ordem. Esse género de crime não seria invulgar na altura, mas também não era algo que um oficial cometesse de ânimo leve, dado o risco de infâmia. Os paralelos com César são mais detectáveis noutros aspectos, como o hábito de perdoar certas ofensas, ou a vontade de criar um mito pessoal. Tal como César, Napoleão presumiu demais, mas antes de cair mudou o mundo. Englund conta a história num confortável ritmo ensaístico e sem a preocupação de dizer tudo; apenas o essencial para compreendermos. Não será o livro definitivo sobre Napoleão, mas é uma interpretação elegante e mais do que satisfatória de uma carreira extraordinária.

**LUÍS M. FARIA**